

João

Teologia do Novo Testamento

rev. Jonathan Hack
agosto de 2014

JOÃO

Como vimos na introdução, o evangelho de João é bem diferente dos evangelhos sinóticos. Nos sinóticos, o ministério de Jesus é externo, terreno, na Galileia, público, focado em obras, e humano; em João, é interno, celestial, na Judeia, privado, focado em palavras, e divino. Nos sinóticos a duração do ministério de Jesus é indeterminada, mas em João cobre cerca de 3 anos. Adicionalmente, o ensino de Jesus nos sinóticos é apresentado em sermões e parábolas, mas em João ocorre no contexto de conversas com outras pessoas.

É bem possível que João conhecesse os demais evangelhos, por isso não os repetiu, mas escreveu de forma complementar. Seu objetivo é bastante explícito (20.30-31): levar o leitor a crer¹ que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus. Certamente é um livro sobre Jesus, pois João menciona bastante o nome “Jesus” (237x), mais do que outros livros do NT (Mt tem 150x; Lc, 89x; Mc, 81x; e Paulo, 213x).

Seu público-alvo são os gentios gregos. Podemos resumir seu tema assim: Jesus é o Filho eterno de Deus que revela o Pai, concedendo vida eterna a todos os que creem nele.

1 Estrutura do livro

Em geral, divide-se o livro em prólogo (1.1-18), Livro dos sinais (1.19–12.50), Livro da glória (13.1–20.31) e epílogo (21.1-25).

É na primeira parte que João registra os 7 sinais. Também é neste trecho que ocorrem os diálogos individuais de Jesus (3.1-21; 4.1-38) e seus debates com os líderes judeus (5.19-47; 6.25-59; 7.14-44; 8.12-59; 9.40–10.21; 10.22-42; 12.23-36). A segunda parte descreve a paixão de Jesus, que é descrita em João como sua glorificação (7.39; 12.23; 13.31-32; 17.1,4). Aqui João registra o ensino particular aos discípulos (14.1–16.33). O evangelho todo é estruturado de forma a gerar fé em Jesus e exigir uma decisão do leitor. Em cada diálogo Jesus se identifica (4.26), exigindo uma reação, que às vezes é mista (7.43).

2 Características peculiares

- Mais de 90% do livro é exclusivo! Essa seleção rigorosa indica que João provavelmente conhecia os demais relatos, e intencionalmente não quis repeti-los. Escolheu apenas aquilo que satisfaria seu propósito principal, que é teológico e evangelístico.
- João centra sua narrativa ao redor das visitas de Jesus a Jerusalém para observar diversas festas: Páscoa (2.23), sem nome (5.1),² Tabernáculos (7.2), Dedicação (10.22) e Páscoa (13.1).
- É o único evangelho que fala da vida de Jesus antes de seu nascimento.
- O “discípulo que Jesus amava” é um personagem chave, mas enigmático.
- Eventos exclusivos: as bodas de Caná (2.1-11), a mulher samaritana (4.1-42), a ressurreição de Lázaro (11.1–12.11).
- Milagres exclusivos: 5 dos 8 apresentados.

¹ Ou “continuar a crer” (em alguns manuscritos, em vez de um subjuntivo aoristo [ação pontual], há um subjuntivo presente [ação contínua]). A questão é que João leva o leitor a se posicionar diante de Jesus.

² Possivelmente a Páscoa. João também menciona outra Páscoa em 6.4.

- Sermões exclusivos: o novo nascimento (3.1-13), a água viva (4.6-29), a missão de Jesus (5.19-47), o pão da vida (6.22-71), a luz do mundo (8.12-59), o bom pastor (10.1-30), o discurso do Cenáculo (13.1-16.33). Além disso, só João registra a oração sacerdotal de Jesus (17.1-26).
- João não registra nenhuma parábola, nem exorcismo, nem refeições com pecadores. No entanto, registram-se 27 conversas, sendo a maioria exclusiva de João.
- João não salienta muito os Doze (só 4 referências), falando geralmente de discípulos sem especificação (79x). Estes reagem positivamente ao ensino de Jesus, mas às vezes também compreendem errado suas palavras. Os discípulos fiéis são aqueles que trazem outros a Jesus (1.36,40,45; 4.29). Os dois mais proeminentes são Pedro e o discípulo amado (João). Pedro é ousado e volátil (ex.: 18.10 vs. 18.15-18; 13.8-9), mas é aquele que primeiro confessa a Jesus (diferentemente dos sinóticos, aqui ele é o Santo de Deus que tem palavras de vida eterna; 6.68-69). João é apresentado como o discípulo modelo para o leitor.
- João identifica como antagonistas os judeus, o mundo e Satanás (12.31; 14.30; 16.11). Em seu dualismo, não há meio termo. Eles são trevas. O termo “judeus” (63x) tem forte conotação negativa, referindo-se aos líderes religiosos que se opõem a Jesus e desejam matá-lo (5.18; 7.1, 19,25; 8.37,40; 10.31; 11.53). Eles não creem nas Escrituras (5.39,47) nem conhecem a Deus (8.19,47,55), por isso são deste “mundo” (8.23) e “filhos do diabo” (8.44). Provavelmente, isso indica conflitos da comunidade cristã com os judeus, resultando na sua expulsão da sinagoga (9.22; 12.42; 16.2). Diferentemente de Mateus, o debate não é mais interno ao judaísmo, mas entre duas religiões. Contudo, João também mostra que alguns líderes creem em Jesus (2.23; 7.31; 8.31; 11.45; 12.42).

3 Estilo literário

Tem um estilo simples (sentenças curtas unidas por conjunções coordenadas) e um vocabulário menos sofisticado do que os demais evangelistas. Palavras usuais são “conhecer”, “permanecer”, “crer”, “testemunhar”, “vida”, “luz”, “verdade”, “glória”, “mundo”. No entanto, nesta suposta simplicidade, ele revela profundas riquezas teológicas. Seu estilo é repetitivo, usando paralelismo para ênfase (14.27). Há também muitos contrastes: luz e trevas, vida e morte, verdadeiro e falso, eterno e terreno.

O ensino de Jesus é apresentado de forma bem diferente em João, provavelmente revelando um hábito de parafrasear o que Jesus falou de acordo com seu próprio estilo. (Será que os demais evangelistas também não fizeram isto?). Em João, Jesus não fala em parábolas e ditados, mas em longos discursos e diálogos. O estilo de Jesus é tão semelhante ao do narrador que é difícil diferenciá-los (exemplo: em Jo 3, onde o narrador começa?). Pode-se identificar o vocabulário e estilo específico de João nas partes do evangelho em que Jesus não está falando (e em suas cartas). Com isso, percebe-se que a transcrição dos sinóticos aparentemente é mais literal. O método de João, contudo, é mais efetivo para comunicar a intenção real do discurso de Jesus. Por outro lado, os sinóticos também apresentam discursos de Jesus similares aos de João (Mt 11.25-27; Lc 10.21-22).

João alterna com habilidade entre as narrativas e os discursos, unindo palavras e ações de Jesus para reforçar seu argumento. Os milagres de Jesus são sinais, e todas as suas ações são simbólicas. Suas palavras também têm múltiplos sentidos (como em 3.3-7; ou 12.32). Ao redor dos milagres, João agrupa conversas, sermões e seus próprios comentários como editor para apresentar o ensino de Jesus. Às vezes o milagre produzia o sermão (6.1-14,22-59), em outras o sermão era ilustrado por um milagre (8.12; 9.1-41).

João também usa frequentemente ironia (ex.: 10.32). Às vezes ele faz com que os personagens questionem aquilo que o leitor sabe ser verdade (1.46; 4.12). João também brinca com o duplo sentido das palavras (“nascer de novo” também significa “nascer de cima”; “água viva” também

significa “água corrente”). Além disso, Jesus apresenta sua morte como ser “levantado” (3.14; 8.28; 12.32-34), indicando que ela é parte da sua glorificação.

4 A teologia de João

Embora haja evidentes diferenças entre João e os sinóticos, não há diferença fundamental de ensino entre eles. Nenhum ensino de Jesus foi distorcido nem acrescido de inovações. Os sinóticos falam do reino de Deus, e da necessidade de arrependimento e justiça; em João, Jesus filosofa sobre a vida, a verdade e o conhecimento de Deus.

A peculiar seleção temática de João tem um enfoque apologético, defendendo a reivindicação de divindade de Jesus dos ataques dos judeus e dos falsos ensinos dos mestres gnósticos (especialmente em 1João).

4.1 Cristologia

João tem a cristologia mais exaltada do NT. Desde o início, enfatiza-se a divindade eterna de Jesus (1.1-3). Ele é o criador de todas as coisas (1.3), é a própria vida (14.6) e o doador da vida (10.10; 5.25; 6.27,51,68). É onisciente (1.48; 2.24-25; 6.15; 8.14; 13.1,11; 21.17). Ele é o Deus encarnado (1.14) que pode revelar o Pai à humanidade (1.18; 14.9). É o único acesso ao Pai (14.6b). É ele também quem revela o Espírito Santo e seu ministério (14-16). Embora afirme a igualdade ontológica de Jesus com o Pai (5.18; 20.28) e sua unidade com ele (10.30; 1.1,18; 6.46; 8.42), João também defende sua subordinação funcional (4.34; 5.19; 6.38; 8.29; 12.49; 17.4). João deixa claro que o Pai e o Filho se amam mutuamente (3.35; 5.20; 10.17; 14.31).

João apresenta sete sinais: a transformação da água em vinho (2.1-11), a cura do filho do oficial (4.46-54); a cura do paralítico (5.1-15); a multiplicação dos pães (6.1-14); a caminhada sobre as águas (6.16-21); a cura do cego (9.1-11) e a ressurreição de Lázaro (11.1-44). Estes sinais são milagres que têm significado especial para confirmar que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus (20.30-31). Enquanto os sinóticos falam de “poder”, João prefere “sinal” (17x) e “obra”. Os sinais revelam a glória de Jesus (2.11), e autenticam sua missão e pessoa. Vários deles estão conectados a discursos de Jesus que versam sobre o sinal (na multiplicação, Jesus se apresenta como o “pão da vida”; na ressurreição de Lázaro, como a “ressurreição”). Um oitavo sinal ocorre após sua ressurreição como “bônus” – a pesca maravilhosa (21.6-11) – e se refere ao ministério futuro dos apóstolos ao seguirem a liderança de Jesus.

Para testificar de sua divindade, Jesus pronuncia sete “Eu sou”:³ o pão da vida (6.35,41,48, 51); a luz do mundo (8.12); a porta (10.7,9); o bom pastor (10.11,14); a ressurreição e a vida (11.25); o caminho, a verdade e a vida (14.6); e a videira verdadeira (15.1,5). Com isso se iguala ao grande “Eu sou” do AT (Êx 3.14; Jo 8.24,28,58; 13.19).⁴ Isso também é reforçado pelas afirmações de sua unidade com o Pai (10.30; 14.9), embora seja distinto dele. Seus inimigos entenderam bem sua reivindicação de divindade (5.18). Há várias outras metáforas aplicadas a Jesus: Verbo (1.1), Cordeiro (1.29), fonte de água viva (4.10), templo (2.19). Estas metáforas funcionam como as parábolas dos sinóticos: revelam Jesus aos que creem nele e o ocultam dos incrédulos. João não descarta os títulos messiânicos já vistos: Jesus é o Messias (1.41; 4.25-26) e o rei de Israel (1.49; 12.13).

Apesar de sua ênfase na divindade de Jesus, João não deixa de apresentar sua humanidade: ele se cansa (4.6), tem sede (4.8), chora (11.35) e morre (19.30). Ele reforça o fato da encarnação de Jesus, indo contra os gnósticos que a negavam (1.14).

³ O grego apresenta um pronome enfático (*ego eimi*), usando a expressão da LXX para o “Eu sou” do AT.

⁴ Veja também a expressão “sou eu” em 18.5-6, que causa impacto nos perseguidores de Jesus.

4.2 Reino de Deus

Enquanto os sinóticos são bastante enfáticos a respeito do Reino de Deus, João prefere falar do relacionamento com Deus em termos de vida eterna. O “reino de Deus” é mencionado duas vezes em João (3.3,5) e os sinóticos também mencionam a “vida eterna” (Mc 10.17,30), mas estas não são as ênfases de cada um.

João inicia seu evangelho com o tema da revelação: Jesus é o Logos, a Palavra encarnada de Deus (1.1-3,10-14). Ele revela a verdade (1.14,17;⁵ 8.40,45; 14.6) que liberta (8.31-32); é a luz; é a glória do Pai; ele dá testemunho do Pai (1.18; 3.31-36). A revelação do Pai por meio do Filho é o tema central do evangelho. João contrasta a luz trazida por Jesus com as trevas escolhidas pela humanidade (3.16-21); repudiar esta luz conduz ao juízo divino (1.10-11; 3.19,36).⁶ Aceitar sua mensagem é conhecer o Pai (14.8-10; 17.3); crer nele é ter a vida eterna (5.24), estar liberto (8.32,36), andar na luz (3.21; 8.12; 12.36,46).

Ao mesmo tempo, sua revelação é altamente simbólica, usando diversas metáforas em sua mensagem: água, luz, pão, pastor, porta, etc. A luz anuncia o amor gracioso de Deus em seu Filho (3.16). Jesus ama seus amigos e dá sua vida por eles (15.9,13; 13.1). Ele é o Cordeiro Pascal (1.29) que veio para esta “hora”, o momento de sua morte pelo mundo todo (veja-se o apelo universal em 1.29; 3.16; 4.42; 10.16). Sua morte gera vida eterna, tema fundamental joanino (veja abaixo), e unidade com Deus (8.19; 14.7,9; 16.3).

Como vimos, João gosta de trabalhar com contrastes dualistas: luz e trevas, amor e ódio, crer e não crer, verdade e mentira, permanecer ou ser cortado. Na sua visão, as pessoas ou são “de Deus” ou “do mundo” (cf. 1Jo). O termo “mundo” (78x; dentre os não joaninos, depois vem 1Co com 21x) tem três significados básicos em João: o sistema maligno (1.10; 7.7; 14.17,22,30; 15.18-19; 16.8,11,20,33; 17.14-16,25) com seu princípio (12.31); o planeta onde habitamos (1.10; 9.39; 13.1; 16.21,28; 17.5,13,24; 18.37); a humanidade (1.10; 3.16-17; 4.42; 6.33,51; 8.12; 9.5; 12.47; 17.21). Às vezes João brinca com estes sentidos no mesmo contexto (1.10; 17.13-16), exigindo cuidado na nossa interpretação. O texto menciona frequentemente a falta de compreensão dos oponentes de Jesus, pois são deste “mundo” (8.23); são cegos espirituais que não conhecem a Deus (7.28; 8.19,55; 15.21; 17.25); são mentirosos (8.43-44,55).⁷ Por outro lado, os discípulos devem se caracterizar pelo amor mútuo (13.34-35; 15.12,17)⁸ e pela permanência na Palavra de Jesus (15.4-10).⁹

Para se entrar no Reino de Deus, é necessário “nascer de novo” (Jo 3.3,5) por meio do Espírito Santo. Ao crer em Jesus, a pessoa imediatamente passa a ser filha de Deus (1.12), ele e o Pai passam a fazer morada no crente (14.23) e este recebe a vida eterna (5.24), que indica mais uma qualidade de vida do que um longo período de tempo. Embora a plena experiência da vida eterna só aconteça após o retorno de Jesus (6.39-40,44,54; 14.3), ela já é antecipada na realidade diária dos cristãos aqui (3.16; 5.25; 10.10,28; 11.25-26). É uma “escatologia inaugurada”,¹⁰ que salienta o “já”, mas “ainda não” do evangelho. Em outras palavras, a vida eterna se caracteriza por conhecer a Deus (17.3), o que começa agora e se intensifica após a ressurreição futura.

O Espírito Santo é o meio pelo qual a presença do Pai e do Filho é mediada aos discípulos

⁵ Observe que a expressão “cheio de graça e verdade” de 1.14 remete o leitor à descrição do próprio Javé em Ex 34.6-7 (na tradução usual: “grande em misericórdia e fidelidade”).

⁶ Alguns estudiosos defendem que João tem um discurso contra os judeus e contra os discípulos de João Batista, mas na verdade são todos igualados em sua rejeição da luz.

⁷ Cf. 1Jo 2.22.

⁸ Cf. 1Jo 3.14-18,23; 4.7-21, entre as 62x em que João menciona aqui termos correlatos ao amor.

⁹ Cf. 1Jo 2.6,10,14,24; 2.24,27; 3.6,9,15,17,24; 4.12; 2Jo 2,9. As epístolas mencionam 27x o verbo “permanecer”.

¹⁰ C. H. Dodd a chamou de “escatologia realizada”, mas outros estudiosos posteriores preferem o termo “inaugurada”, pois salienta que ela ainda não está completa.

(14.16-26; 15.26-27; 16.7-15). Ele é o “conselheiro”, que os capacitará a compreenderem a verdade (14.26; 15.26; 16.12-13) e convencerá o mundo (16.7-11) do pecado (o problema da incredulidade), da justiça (a solução de Deus por meio da morte de Jesus) e do juízo (a solução final da destruição do mal). É ele quem produz o “novo nascimento” (3.5-8) e os “rios de água viva” (7.37-38). A pneumatologia joanina difere da de Lucas; neste a vinda do Espírito significa o cumprimento das profecias e o início da nova era de salvação. João enfatiza o papel do Espírito como aquele que concretiza a presença divina, em lugar de Jesus que volta ao Pai.

Bibliografia

GROMACKI, Robert G. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Baker, 1974.

GUNDRY, Robert. *A survey of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 2003.

LADD, George. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

STRAUSS, Mark L. *Four portraits, one Jesus: A Survey of Jesus and the Gospels*. Grand Rapids: Zondervan, 2007.